Dia 24 — São João Francisco Régis, da Companhia de Jesus

A vida de São João Francisco Régis, da Companhia de Jesus, que nasceu entre nós e quase em nossos mesmos dias, é de tanta edificação que não pode deixar de contribuir para aumentar num coração francês a virtude e a devoção a um santo de sua mesma nação, a qual depois de três séculos não havia logrado ver nenhum de seus filhos colocado no catálogo dos santos nem proposto à veneração dos fiéis.

Este célebre missionário, tão conhecido no mundo tanto por suas admiráveis virtudes como por seus muitos milagres, nasceu no dia 31 de janeiro de 1597 em Fontcouverte, pequena povoação do bispado de Narbona. Foi seu pai João Régis, da nobre e antiga casa de Deplas, e sua mãe Madalena Darcis, filha do senhor de Ségur, um e outro mais recomendáveis por sua virtude que por seu nascimento. Desde a mesma infância pareceu nosso santo como amado de Deus e escolhido singularmente para sua maior glória. Mais de uma vez velou milagrosamente o céu por sua conservação; e em certa ocasião, sendo de quatro anos, uma mão invisível o deteve no momento em que ia cair num precipício. Adiantou-se nele a devoção ao uso da razão. Deixou pouco que fazer à educação sua nobre índole e sua natural inclinação à virtude. Quase nunca foi menino; pelo menos sempre olhou com aversão os jogos e os entretenimentos daquela idade.

Enamorados seus pais das belas prendas de João, enviaram-no a estudar no colégio da Companhia de Béziers. Assinalou-se logo entre todos os condiscípulos pelo engenho e pela virtude. Repartia todo o tempo entre o estudo e a oração. Desde logo negou-se a toda diversão, ainda a mais lícita e mais inocente; nunca se via no jogo nem no passeio; os dias de folga empregava-os ordinariamente na igreja. Respeitavam todos sua inocência e seu virginal pudor; até nos mais indevotos fazia impressão seu recato e modéstia, admirando todos uma virtude tão antecipada e tão madura num estudante daquela idade.

Como havia mamado com o leite uma terna devoção à santíssima Virgem, apenas entrou no colégio pediu ser alistado na congregação desta Senhora, que com tanto proveito e com tanta edificação da juventude costuma estar fundada em todos os colégios da Companhia. Resplandeceu singularmente sua virtude entre todos os congregantes, e em todos se observou não sei que novo fervor, efeito dos exemplos de Régis. Contraiu particular amizade com alguns dos mais fervorosos e mais ajustados e formou com eles outra como pequena congregação que encheu de admiração todo o colégio.

Não era para o mundo uma alma prevenida com tão doces bênçãos. Apenas conheceu Régis os padres da Companhia, persuadiu-se de que Deus o chamava a ela. Os principais motivos de sua vocação foram o zelo da maior glória de Deus e o da salvação das almas. Pediu com instância ser admitido na Companhia e o foi com universal gozo e aplauso. Mudou de estado, mas não mudou de máximas nem de costumes; na religião não teve que fazer mais que aperfeiçoar a virtude em que tanto se havia exercitado já no século. Nenhum noviço o excedeu na pontualidade, no fervor e na mortificação. Chamavam-no já então a regra viva de Santo Inácio. Sua apacibilidade e modéstia faziam amáveis até seus mesmos rigores. Tardou-se pouco em descobrir o amor e a inclinação que professava aos pobres; a caridade foi sempre sua virtude predileta; em nada achava tanto gosto como em ir servir os pobres enfermos no hospital.

Concluído o noviciado, aplicou-se ao estudo da eloquência e da filosofia sem perder nada de seu fervor. Fizeram-no mestre da juventude numa classe de gramática, e este novo emprego deu ocasião a que brilhasse mais seu zelo e sua virtude. Ensinou as letras humanas em Billom, em Auch e em Le Puy; em todas as partes foi olhado com admiração e em todas se lhe chamava o anjo do colégio. Considerava sua classe como o campo da missão que lhe havia tocado em sorte; desvelava-se em fazer a seus discípulos cada dia mais hábeis e ao mesmo tempo mais santos. A todos se estendiam seus desvelos; mas se lhe notava não sei que predileção para com os mais pobres.

Persuadido de que o tempo dos estudos é ocasião para entibiar o fervor, teve grande cuidado de prevenir este escolho com piedosas precauções; frequentando as visitas ao santíssimo Sacramento; sendo muito exato em cumprir muitas e muito ternas devoções em honra da santíssima Virgem, Mãe de Deus; lendo livros espirituais, fazendo fervorosas orações e domando seu corpo com secretas penitências. Destes preservativos valeu-se contra a dissipação do espírito e a secura do coração a que expõe tanto o estudo das ciências abstratas.

Não esperou o zelo de nosso fervoroso jesuíta a estação regular para produzir copiosos frutos. Apenas havia saído do noviciado quando lhe mandaram explicar a doutrina numa povoação chamada Andance, pouco distante de Tournon. Foi extraordinário o concurso e foi o fruto prodigioso. Reformou os costumes de todo aquele povo, fundou a adoração perpétua do santíssimo Sacramento, e não se tem esquecido ainda a muita impressão que fizeram nos corações suas exortações e exemplos.

Enviaram-no a estudar a teologia no colégio de Toulouse, e desde logo deu provas claras de um excelente engenho e de uma bela disposição para as faculdades maiores. Assim, sendo grandes seus progressos, o eram também seus aplausos; e, fazendo-se estes insuportáveis a sua profunda humildade, muitas vezes procurava fazer-se desprezível, fingindo-se rude ou ignorante. Preveniram-no os superiores que se dispusesse para receber o sacerdócio, e aqui foi onde se sentiu como aturdido à vista de sua indignidade; mas, precisado enfim pela obediência, recebeu as ordens sagradas e celebrou o divino sacrifício com tanta devoção que a infundia a quantos ouviam sua missa. Desde então nunca se aproximou do altar sem deixá-lo regado com suas lágrimas. Aquele mesmo ano declarou-se a peste em Toulouse, e com reiteradas instâncias alcançou dos superiores que lhe permitissem assistir aos empestados. Assinalou-se muito seu zelo; e, se não teve a dita de morrer neste heroico ato de caridade, como a lograram muitos de seus irmãos, foi

sem dúvida porque a divina Providência quis conservar-lhe a vida para a salvação de outras muitas almas. Destinava-o efetivamente o céu a maiores e mais dilatados trabalhos. Levava-o fortemente a inclinação ao exercício das missões, e foi tanto o que pediu, o que instou e o que clamou aos superiores para que lhe permitissem dedicar-se a ele inteiramente que estes, não tanto movidos de suas instâncias quanto de sua vocação, que conheciam ser verdadeiramente do céu, o destinaram a este sagrado ministério ainda antes do tempo regular. Pediu com instância ser enviado ao Canadá por saber quanto padeciam os jesuítas naquelas penosíssimas missões; mas o Senhor o havia destinado para santificar as províncias da França e para renovar nelas as maravilhas que obraram nos primeiros séculos os varões apostólicos.

Deu princípio às missões em Fontcouverte, lugar de seu nascimento, sendo talvez o primeiro que foi tido por bom profeta em sua pátria. Apenas se pode conceber vida mais austera, mais laboriosa nem dias mais verdadeiramente cheios que os seus. Antes de amanhecer estava já na igreja, onde depois da oração fazia ao povo uma prática fervorosa; depois dizia missa; pregava duas ou três vezes ao dia e empregava no confessionário todo o tempo que não ocupava no púlpito. Visitava os enfermos por via de descanso; e quase todas as que chamava distrações eram alguma nova obra de misericórdia. Mal dormia mais que duas ou três horas, deitado no duro chão ou recostado numa cadeira. Desde os primeiros anos de seu ministério apostólico proibiu-se o uso da carne, do peixe, de ovos e de vinho; seu alimento regular era pão e água; e, se alguma vez se via precisado a tomar um pouco de leite, acusava-se de sua excessiva delicadeza. Nos dez últimos anos de sua vida, que consagrou às missões, jamais tirou o cilício. Para ele não havia em todo o ano estação mais agradável que a do mais rígido inverno naquelas ásperas montanhas, porque em nenhuma outra tinha mais que sofrer e padecer. Os gelos, as neves, as chuvas, os ventos, os arroios, os abismos, os precipícios, as borrascas, nada o acovardava, nada era bastante para moderar seu zelo. Se lhe representavam os companheiros que aquilo era tentar a Deus, respondia-lhes sorrindo-se: «Tenho muito experimentado quanto cuida Deus de mim; e não é razão que eu carregue com este inútil cuidado. Agravá-lo-ia muito se alguma coisa me acovardasse.» Sua confiança em Deus era sem limites, e o Senhor obrava grandes prodígios em seu favor. Quebrou um dia uma perna em consequência de uma queda, e ao ponto se lhe consolidou perfeitamente sem nenhum remédio humano.

Não foi o Languedoc o único teatro da imensa caridade de nosso apóstolo. Não houve povo nem aldeia no Vivarais, não houve choça nem cabana no Velay aonde não penetrassem os ardores de seu zelo. Mal se deixava ver no púlpito quando se mostrava enternecido todo o auditório. As lágrimas dos mais rebeldes pecadores davam testemunho público de sua sincera conversão; e o mais assombroso foi que de tanto número de almas convertidas nem uma só deixou de conseguir pelas orações de Régis o dom da perseverança. Em Toulouse, Montpellier, Sommières e Le Puy fundou casas de recolhidas, onde voluntariamente se refugiavam as mulheres arrependidas. Estas utilíssimas conquistas lhe suscitaram muitos inimigos. Certos libertinos resolveram assassiná-lo: com este intento o chamaram já muito entrada a noite à igreja do colégio, fingindo que queriam confessar-se; soube o servo de Deus, por revelação divina, seus sacrílegos intentos; desceu, pôs-se-lhes diante, falou-lhes, moveu-os, converteu-os, e a resposta daqueles infelizes foi uma torrente de lágrimas que derramaram.

Os felicíssimos sucessos da missão que fez em Le Cheylard mal pareciam críveis ainda aos mesmos que foram testemunhas deles. Lachau, Privas, Saint-Agrève, Saint-André, Fanjaux, Marlhes e todos os povos comarcãos acreditaram o que pode um pregador animado do espírito apostólico. Os hereges, não podendo resistir a um homem tão poderoso em obras como em palavras, abraçaram a religião católica; e todo aquele país, muito mais espantoso pela desordem dos costumes que por suas montanhas e seus bosques, converteu-se em domicílio da virtude e da inocência. É verdade que nenhum pregador autorizava mais que Régis a santidade do ministério com a santidade da vida. Seu semblante extenuado pelo rigor com que tratava seu corpo; uma modéstia que levava para si os olhos e a admiração de todos; um profundo recolhimento e uma apacibilidade que ganhava os corações, tudo isto era sermão em Régis.

Não podendo reprimir os incêndios do divino amor que abrasavam seu inflamado coração, ouvia-se-lhe muitas vezes prorromper nestas exclamações: «Ó Deus meu, ó amor meu e delícias de meu coração, que não possa eu amar-vos tudo o que vós mereceis ser amado e tudo o que desejo amar-vos!» Por isso se comunicava o Senhor àquela grande alma de um modo verdadeiramente singular. As indispensáveis distrações de seu ministério não lhe interrompiam a íntima união com seu Deus; e em meio das maiores ocupações viu-se-o muitas vezes extático e elevado.

Deste vivo amor a Jesus Cristo, que lhe penetrava todo o coração, nascia aquela terna compaixão com que olhou sempre os pobres. Sempre se o achava rodeado deles; considerava-os como a porção mais querida do rebanho de Jesus Cristo; e entre os pobres sentia particular inclinação aos das aldeias e dos campos, por contemplá-los mais desamparados. Seu zelo não conhecia limites; tratando-se de salvar uma alma, nada se lhe fazia difícil. O grande teatro desta imensa caridade pode-se dizer que foi a província de Le Puy. Enviaram-no os superiores àquela cidade no ano de 1636 para explicar a doutrina na igreja do colégio e para que de quando em quando fizesse algumas excursões pelas aldeias da comarca. Era tão grande o concurso à doutrina que foi preciso tomar algumas providências para que não sucedessem desgraças no auditório. O fruto correspondeu ao conceito que se tinha de sua santidade, e no espaço de três meses observou-se em toda a cidade uma total mudança de costumes. O retiro de todas as mulheres de má vida e sobretudo a conversão de uma famosa dama cortesã foram causa de muitas perseguições que se suscitaram contra ele. Não poucas vezes foi menosprezado, insultado, esbofeteado, espancado e arrastado pelo chão; mas sua paciência e sua doçura desarmaram os furiosos e converteram os dissolutos. Com tudo isso não foram estas as provas mais sensíveis em que se acrisolou a virtude do fervoroso jesuíta.

Exercitou-a terrivelmente certo reitor novo que chegou a governar o colégio de Le Puy. Fortemente impressionado contra o santo, desaprovou desde logo seu derramamento para fora (assim o chamava ele). Limitou seu zelo, reduzindo-o a termos muito estreitos; moderou as visitas que fazia ao hospital; proibiu-lhe o exercício de muitas boas obras; empenhou-se em mortificá-lo, repreendeu-o em público e em particular; numa palavra, nada fazia Régis que merecesse a aprovação de seu reitor; mas nada disto bastou para arrancar da boca do santo nem uma só palavra que soasse a queixa nem a defesa ou apologia de seu proceder. Obedeceu em tudo com a mais pontual exatidão e com a maior alegria e padeceu com religioso silêncio. O exercício foi terrível, mas de curta duração. Foi desaprovada a conduta do reitor, e ele mesmo por fim reconheceu e condenou suas violências. Removeram-no do emprego, e o sucessor que lhe

assinalaram deixou livre ao santo o exercício de suas funções, sem pôr limites à extensão de seu zelo. Não teria sido fácil proceder de outra maneira, porque o céu autorizava visivelmente com prodígios a caridade de nosso apóstolo.

Achando-se a cidade de Le Puy numa extrema carestia de grãos, tomou Régis por sua conta o sustentar todos os pobres. Juntou com grandes trabalhos e fadigas todo o trigo que pôde; encerrou-o num celeiro e pô-lo a cargo de uma virtuosa senhora chamada Margarida Baud. Acabou-se muito cedo toda a provisão e, avisado o santo de que não havia trigo nem dinheiro para comprá-lo, nem por isso deixou de enviar à caritativa senhora uma pobre mulher carregada de filhos, com ordem de que lhe desse tudo o que houvesse mister para manter-se. Admirada a virtuosa matrona, foi buscar o servo de Deus e disse-lhe que estranhava muito a ordem que lhe havia dado, pois não ignorava que não havia nem um grão de trigo. Sorriu-se o santo e respondeu-lhe: «Andai e a ninguém me negueis esmola.» Não replicou a boa senhora; voltou para casa e achou o celeiro cheio de trigo. Toda a cidade foi testemunha deste prodígio, que se repetiu por três vezes durante a carestia. Nem foi este o único milagre que obrou Régis durante sua vida. Sendo ainda moço e ensinando a gramática em Le Puy, curou de repente de uma grave enfermidade um discípulo seu que já havia recebido os sacramentos; enfim, não fez missão que não fosse assinalada com algum prodígio.

Sendo tão imenso o zelo de nosso missionário, não podia encerrar-se dentro das muralhas de uma cidade. Não houve povo, aldeia, choça nem cabana nos bispados de Le Puy, Viena, Valence, Viviers, no território do Velay, que não houvesse percorrido o servo de Deus nos quatro últimos invernos de sua apostólica vida. Fay, Marlhes, Saint-Sauveur, Saint-Pierre-de-Macabeos [^1], Saint-Bonnet-le-Froid, Vourey, Montregard, Montfaucon, Rochepaule, Marcoux, Chambon, Lalouvesc, não cessaram nunca de publicar os assombrosos trabalhos e os maravilhosos frutos do zelo deste novo apóstolo. Em Fay deu vista a dois cegos; em Marlhes livrou um endemoninhado; em Montregard converteu à religião católica a célebre madame de Romezin; em Montfaucon expôs sua vida assistindo aos empestados, e por suas orações cessou o contágio. Em todas as partes correspondia o fruto a seu zelo e a seus desejos. Isto o obrigou a escrever ao padre geral da Companhia a carta seguinte, cujo original se guarda no arquivo da casa professa de Roma e é sua data de primeiro de abril de 1640:

«Recorro hoje a V. P. com tanto maior confiança quanto estou persuadido de que a súplica que vou fazer a V. P. não será de seu desagrado. Esta é que V. P., por sua bondade, se digne permitir-me consagrar a vida e forças que me restam ao ensino da gente do campo. Não posso explicar os grandes bens que produz este gênero de missões. Falo por experiência, havendo-o visto por meus olhos; e prouvera a Deus que me houvesse sido dada licença para experimentá-lo mais frequentemente. Peço, pois, licença a V. P. M. R. para empregar-me pelo menos seis meses ao ano neste divino ministério. O senhor bispo de Le Puy me deu todas as suas faculdades; muitos párocos e muitos povos pedem com grandes instâncias a missão. O padre reitor, julgando-me necessário no colégio, detém-me nele de quando em quando, apesar da extrema necessidade de tantas almas como perecem nas aldeias por falta de socorros espirituais. Suplico a V. P. que se sirva fazer reflexão em que nos lugares grandes se distribui o pão com abundância, enquanto os pobrezinhos do campo morrem de fome por não haver uma mão caritativa que lhes reparta o pão da divina palavra. Espero da paternal bondade de V. P. que não me negará a graça que lhe peço, ainda que

não seja mais que para consolar-me na repulsa que me deu quando pedi permissão para ir ao Canadá. Se a resposta for favorável a meus desejos, encher-me-á de alegria, etc.»

Condescendeu com gosto o geral com estes desejos; e o provincial, que se achava em Le Puy quando chegou a resposta, teve especial complacência em que o geral aprovasse aquilo mesmo que ele já havia permitido. Depois que o servo de Deus santificou todo o país de Montfaucon, de Rochepaule e de Verines, publicou para a véspera de Natal a missão de Lalouvesc. Retirou-se ao colégio de Le Puy nos últimos dias do advento, para dispor-se a morrer com três ou quatro dias de exercícios, porque já lhe havia o Senhor dado a entender claramente que aquela missão havia de pôr fim a seus trabalhos. Passou-os o servo de Deus em íntima comunicação com Sua Majestade, sem tratar com pessoa alguma, ocupado unicamente no pensamento da eternidade. Declarou a um padre do colégio de sua especial confiança que sentia certos secretos anúncios de sua próxima morte. O tal padre, de cuja boca ouviu esta notícia trinta e nove anos há o autor desta vida, fez quanto pôde para dissuadi-lo de que saísse àquela missão; mas Régis lhe respondeu: «Chama-me Deus a Lalouvesc, e é preciso que vá.» Deu fim a seus exercícios com uma confissão geral e na antevéspera de Natal partiu para sua amada missão. O tempo estava horrível; o país por onde viajava era o mais quebrado e mais escarpado do mundo; extraviou-se e não teve outro arbítrio que refugiar-se numa choça aberta a todos os ares. Passou nela toda a noite, exposto a um vento do norte muito frio e violento. Acometeu-o uma forte dor de lado, acompanhada de uma ardentíssima febre, com a qual foi arrastando-se até Lalouvesc. Foi-se diretamente à igreja e, sem fazer caso de suas dores nem de sua fadiga, abriu a missão pregando um fervoroso sermão; e depois foi ao confessionário, onde esteve até muito entrada a noite. Suprimia o zelo as forças que faltavam ao corpo. No dia de Natal pregou três sermões; outros tantos no dia seguinte, e confessou perto de vinte e quatro horas. Mas, cedendo o zelo à debilidade, deu-lhe um desmaio. Levaram-no à casa do pároco e, não acertando a render-se aquela grande alma, ainda confessou ali alguns pobres camponeses que o iam seguindo desde a igreja; até que, repetindo-lhe outro desmaio, foi-lhe preciso meter-se na cama.

Despachou-se um próprio com esta notícia aos jesuítas de Annonay, distantes só três léguas de Lalouvesc. Acudiram prontamente, levando consigo um médico, o qual declarou que a seu juízo a enfermidade não tinha remédio. Não se pode explicar o gozo com que ouviu o moribundo tão alegre nova. Antes de receber os sacramentos quis repetir com o padre Lascombe a confissão geral que oito dias antes havia feito em Le Puy. Recebeu o viático e a extrema-unção como um homem abrasado no fogo do divino amor. Trouxeram-lhe um caldo; não o quis admitir, dizendo que desejava sustentar-se até a morte como os pobres e que em lugar de caldo lhe dariam gosto se lhe proporcionassem uma taça de leite. Suplicou ao padre Lascombe que o fizesse conduzir a um estábulo, para ter o consolo de morrer num lugar semelhante ao que Cristo havia escolhido para nascer, já que não podia morrer numa cruz como seu divino Salvador; mas o padre lhe respondeu que sua extrema debilidade não permitia que se o removesse. O irmão Bideau, seu companheiro ordinário, que à primeira notícia se pôs apressado a caminho e desde que chegou não se separou um instante de sua cabeceira, assegurou que todo aquele tempo o havia passado o servo de Deus em contínua oração. Na noite do último dia de dezembro, pouco antes das doze, quis o Salvador cumular de alegria seu servo, antecipando-lhe os gostos da glória. Apareceram-lhe visivelmente Jesus e Maria; e esta celestial aparição o arrebatou de tal maneira que, não podendo conter seus transportes: «Ah! irmão meu caríssimo, disse ao irmão Bideau, que dita é a minha! Com que

contentamento morro! Jesus e Maria dignam-se convidar-me à doce estância dos bem-aventurados.» Um instante depois, juntando as mãos e fixando os olhos no crucifixo, pronunciou estas palavras: «Jesus Cristo, Salvador meu, eu te encomendo minha alma e a ponho em tuas mãos»; e entregou docemente seu espírito nas de seu Criador, pela meia-noite do último dia do ano 1640, aos quarenta e três anos e onze meses de sua idade, tendo vivido vinte e quatro na Companhia e empregado os dez últimos nas missões.

Logo que expirou, ressoaram em todas as montanhas vizinhas estas palavras: «O santo morreu.» A principal pompa de seus funerais foram as lágrimas dos povos comarcãos. Disputou-se algum tempo onde se havia de enterrá-lo: os padres queriam levar o corpo ao colégio de Le Puy ou de Tournon, para restituir aos jesuítas o que parece era seu; mas, piedosamente amotinados todos aqueles povos, protestaram que nunca sofreriam que se os despojasse de um tesouro que o céu lhes havia presenteado. Enterraram-no na igreja, perto do altar-mor, com a precaução de dar à sepultura mais de doze pés de profundidade. Os inumeráveis milagres que obrou Deus, e que está obrando cada dia por sua intercessão, fizeram glorioso seu sepulcro; e o lugar de Lalouvesc, que era uma infeliz aldeia, é já um povo numeroso e célebre pela concorrência de peregrinos que acodem a ele das províncias mais distantes para venerar as cinzas do santo apóstolo. De todas as partes recorrem a sua proteção como a remédio seguro contra as enfermidades mais desesperadas; e a feliz experiência de uma infinidade de curas milagrosas que o santo tem obrado incessantemente desde que acabou o curso de sua apostólica vida acende cada dia mais e mais a devoção dos fiéis em todos os reinos do mundo e a viva confiança que têm em sua poderosa intercessão. Isto moveu o papa Clemente XI, depois de haverem sido examinadas e aprovadas juridicamente suas virtudes e milagres, a declará-lo beato por seu breve de 8 de maio de 1716, assinalando o dia 24 do mesmo mês para sua festa; e no próprio dia se celebrou em Roma com extraordinária pompa a solenidade de sua beatificação.

No dia 31 de setembro [^2] do próprio ano foi levantado o santo corpo pelo ilustríssimo senhor Berton de Crillon, arcebispo de Viena, em cuja jurisdição está Lalouvesc, e exposto sobre o altar-mor numa caixa. Custou dificuldade achar o santo corpo, pelo cuidado que se teve em ocultá-lo quando o enterraram, até que nos registros paroquiais do senhor Bayle, pároco de Lalouvesc, se encontrou uma partida onde se expressava o lugar da sepultura que se havia dado ao santo missionário. Esta partida, copiada autenticamente dos ditos registros, diz assim:

«Este dia último do mês de dezembro do ano mil seiscentos e quarenta, perto da meia-noite, morreu em meu quarto e em minha cama o reverendo padre João Francisco Régis, jesuíta de Le Puy, onde esteve enfermo seis dias, e foi enterrado no dia dois de janeiro de mil seiscentos e quarenta e um, na capela e debaixo do sino grande de nossa Igreja de Lalouvesc. E por ser verdade o firmo hoje, três do mesmo mês e ano, etc.

BAYLE, pároco.»

Nesta trasladação fez-se uma repartição autêntica de algumas de suas relíquias. Conserva-se uma costela do santo na igreja dos jesuítas de Le Puy, outra na dos de Tournon, outra na dos de Annonay, outra na igreja do colégio de Viena. Na do colégio grande de Lião venera-se uma vértebra, ou osso do espinhaço, engastada num rico busto de prata, e em cada uma das igrejas

dos outros dois colégios que têm os padres naquela cidade venera-se outra relíquia semelhante. A cidade de Perúgia, na Itália, tomou este grande santo por um de seus patronos; e, tendo presenteado o senhor arcebispo de Viena um osso do braço do santo ao colégio dos jesuítas de Avinhão, não se pode explicar a devoção e a veneração com que é adorado dos fiéis. Agora mais que nunca honra o Senhor a seu fiel servo com a multidão quase infinita de milagres que obra cada dia por sua intercessão. A terra que se tira de sua sepultura, levada por relíquia e aplicada aos enfermos, faz uma multidão de curas milagrosas; confirmando-se cada dia mais com novos prodígios o poder que tem o santo com Deus, como o reconheceu o sumo pontífice Clemente XI, que governava então a Igreja com tanta sabedoria e dignidade, em seu breve da beatificação do bem-aventurado João Francisco Régis, expedido em 8 de maio de 1746 [^3], que diz assim:

«O Espírito Santo nos ensina que se deve tributo de louvores àqueles varões gloriosos, ricos em virtudes, que se fizeram ilustres em suas nações, isto é, àqueles santos e eleitos do Senhor a quem aprouve à divina Providência adornar com os dons mais brilhantes de suas diferentes graças. Como entre estes ilustres varões haja querido a mesma divina Providência que brilhasse em todas as partes a glória do servo de Deus João Francisco Régis, sacerdote e religioso da Companhia de Jesus, o qual, revestido da virtude do alto e levando o jugo do Senhor desde sua juventude, uniu sempre a austeridade da penitência com o candor da inocência; homem verdadeiramente apostólico, cujo coração dilatou incessantemente o Espírito Santo para que se mostrasse em tudo, como o fez, digno ministro do Senhor, por sua muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas aflições, nas desgraças, em meio dos trabalhos, pelas vigílias e pelos jejuns, pela ciência, pela mansidão e sobretudo por uma caridade sincera para com Deus e para com o próximo, da qual vivia maravilhosamente abrasado: daí é que Nós faltaríamos às obrigações do pontificado, a cuja dignidade, ainda que muito superior a nossos méritos e a nossas forças, foi o Senhor servido de elevar-nos, se não empregássemos a potestade que nos foi concedida do alto em aumentar o culto e a veneração deste servo de Deus, para glória do Senhor, para ornamento da Igreja católica e para edificação do povo cristão. Tendo, pois, examinado com diligência e com madureza todos os processos e informações jurídicas feitas por nossos veneráveis irmãos os cardeais da congregação dos sagrados ritos quanto à santidade e virtudes heroicas do servo de Deus João Francisco Régis, como também dos milagres que se asseguravam haver obrado Deus por sua intercessão e para manifestar aos homens sua santidade... Concedemos... pela autoridade apostólica e pelo teor das presentes que o dito servo de Deus João Francisco Régis seja de hoje em diante chamado com o nome de beato; que seu corpo e suas relíquias sejam expostos à veneração dos fiéis... E que cada ano, no dia 24 de maio, se reze seu ofício e se diga missa de confessor não pontífice, porquanto o dia 31 de dezembro, em que o servo de Deus rendeu o espírito a seu Criador, e muitos dos seguintes estão ocupados, como se sabe, etc.»

Martirológio Romano

Em Antioquia, a festa de São Manaém, irmão de leite de Herodes Tetrarca, doutor e profeta do Novo Testamento, que morreu e foi enterrado naquela cidade.

Além disso, a bem-aventurada Joana, mulher de Cuza, intendente da casa de Herodes, de quem faz menção São Lucas evangelista.

No Porto, a festa de São Vicente, mártir.

Em Bréscia, Santa Afra, que foi martirizada no tempo do imperador Adriano.

Em Nantes, na Bretanha, os santos mártires Donaciano e Rogaciano, irmãos, a quem no tempo do imperador Diocleciano puseram num cárcere, depois os estenderam e despedaçaram no cavalete, em seguida os feriram com uma lança e, continuando constantes na fé, por último lhes cortaram a cabeça.

Na Ístria, os santos mártires Zoel, Servílio, Félix, Silvano e Diócles.

No mesmo dia, São Melécio, capitão de exército, e duzentos e cinquenta companheiros, que com diversos gêneros de morte consumaram seu martírio.

Além disso, as santas mártires Susana, Marciana e Paládia, mulheres de três daqueles soldados, que foram despedaçadas com seus filhos pequenos.

Em Milão, São Robustiano, mártir.

No Marrocos, na África, o martírio de São João de Prado, Irmão Menor descalço da estreita observância, que, depois de haver sofrido animosamente as cadeias, o cárcere, os açoites e outros muitos tormentos no decurso de sua pregação evangélica, acabou seu martírio pelo fogo.

No mosteiro de Lérins, São Vicente, presbítero, célebre por sua santidade e doutrina.

Em Bolonha, a trasladação do corpo de São Domingos, confessor, no tempo do papa Gregório IX.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração, que compôs o mesmo papa que o beatificou, é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui ad plurimos pro salute animarum perferendos labores beatum Joannem Franciscum, confessorem tuum, mirabili charitate et invicta patientia decorasti: concede propitius, ut ejus exemplis instructi, et intercessionibus adjuti, æternæ vitæ præmia consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que adornastes com uma admirável caridade e com uma invencível paciência a vosso confessor, o bem-aventurado João Francisco, para que pudesse sofrer tantos trabalhos pela salvação das almas, concedei-nos benigno que, ensinados por seus exemplos e protegidos com sua intercessão, mereçamos o prêmio da vida eterna. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro da Sabedoria, e a mesma que a do dia 12.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** [8] Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. [9] Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. [10] Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«Assegura São Jerônimo em uma de suas epístolas haver visto um exemplar hebraico do livro de onde se tirou esta epístola, não com o título do Eclesiástico, mas com o de Parábolas ou Provérbios; e Santo Agostinho notou no livro 17 da *Cidade de Deus* que Salomão não só dá nele lições para regular os costumes, mas também profetiza várias coisas em muitos lugares.»

Reflexões

Bem-aventurado aquele que não coloca sua esperança no dinheiro nem nos tesouros. Necessariamente há de ter pouco entendimento e menos religião o que se apoia em bens tão

caducos. Que mérito dão as riquezas ao que não tem talento nem virtude? E, ainda que tenha o primeiro, se lhe falta a segunda, de que lhe servirá? Uma estátua de ouro nunca é mais que uma estátua. Não há estado mais perigoso para a salvação que o dos ricos. As honras embevecem, a abundância aturde e o regalo de uma vida deliciosa embriaga. *Eu,* diz o Senhor por seu profeta, *quis dissipar todos esses embevecimentos e fazer-vos voltar de vossos extravios; falei-vos quando tudo se vos mostrava risonho em meio de vossa prosperidade e de vossa abundância: Et dixisti: non audiam,* e sempre vos fizestes surdos a minha voz. Os dias que o mundo chama felizes não são certamente dias de conversão; o tempo de prosperidade não é a estação mais própria para a penitência. Os conselhos mais salutares, as exortações mais eficazes, as reflexões mais convincentes fazem pouca força a um coração cheio de seus tesouros. *Pauperes evangelizantur.* A docilidade à fé e a rendição à graça não são as virtudes que mais se podem esperar dos homens vãos. Uma senhora mundana e um homem rico deixam para o pobre vulgo o apreço e o exercício das máximas do Evangelho; as do mundo são mais de seu gosto. Qual será, pois, sua sorte eterna? Terão parte na estância ditosa dos bem-aventurados? Meu Deus, e quão pouco se conhecem as vantagens de uma vida humilde e necessitada! É certo que a pobreza espanta; mas, com tudo, a condição dos pobres pode ser uma rica mina de merecimentos e felicidades. Menos expostos aos perigos que acompanham os ricos, são humildes quase por necessidade e estão mais dependentes de Deus, porque vivem de sua providência. Oh, e de quantos estorvos da salvação se acham isentos! Se conhecessem bem quanto vale seu estado, ter-se-iam por ditosos de não haver nascido entre os perigos do esplendor e da abundância. As riquezas produzem mais espinhos que rosas; e apenas se podem colher suas flores sem picar-se. Quem ignora que a condição dos pobres foi enobrecida pela eleição que fez dela Jesus Cristo? Em sua mão esteve nascer e viver na maior opulência; mas preferiu o estado de pobre. Seria por ignorância ou por falta de espírito? Mas, se foi por uma disposição de sua divina sabedoria, serão os pobres os pior livrados? E terão razão para queixar-se do estado que lhes coube em sorte?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo que o do dia 12.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: [35] Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; [36] e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. [37] Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. [38] E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. [39] Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. [40] Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que a caridade, no sentido em que agora a tomamos, é, propriamente falando, efeito de uma virtude moral e cristã, que consiste em socorrer o próximo em suas necessidades com esmolas, conselhos e com o mais que lhe falte. Esta virtude, segundo a doutrina do mesmo Jesus Cristo, nasce do amor que se tem a Deus e, segundo a mesma doutrina, há de ser o distintivo de todos os cristãos: *In hoc cognoscent omnes, quia discipuli mei estis:* o sinal por onde todos conhecerão que sois discípulos meus será se vos amais uns aos outros. Esta caridade benéfica e liberal tem sempre abertas as mãos para socorrer o próximo em suas necessidades. Quis a divina Providência que se conservasse entre os homens a caridade pelo recíproco comércio de assistência e socorro que mutuamente se dão uns aos outros; mas este comércio não é precisamente voluntário e de pura benevolência; é em alguns casos de justiça e de obrigação indispensável. Se nasceste em meio do esplendor e da abundância, não o deveste a tua indústria nem a teu mérito: Deus dispôs a diversidade de condições e, quando quis que uns nascessem necessitados de todas as coisas, encarregou que os socorressem nelas aqueles a quem proveu com abundância de tudo; de maneira que, favorecendo a estes, não se esqueceu daqueles, pois os pôs ao cuidado dos ricos. São as riquezas benefícios a título oneroso; os pobres têm direito a elas; e, se a divina Providência as concedeu aos ricos, foi com o gravame e condição precisa de que os pobres haviam de ter parte em suas rendas; e desta maneira proveu às necessidades de todos. É Deus dono absoluto e supremo de nossos bens; como a tal lhe devemos tributo e, não querendo, por assim dizer, recebê-lo em suas arcas, faz cessão dele em favor dos pobres. O socorrer, pois, a estes não só é devido por título de caridade, é-o também por título de justiça, porque Deus não te fez rico precisamente para ti só, mas juntamente para alívio dos pobres. Meu Deus, quão pouco conhecida e quão pouco abraçada é esta verdade! Que pouca caridade há no mundo! E sendo isto assim, terá Jesus Cristo muitos discípulos verdadeiros entre os cristãos?

Segundo ponto

Considera que a verdadeira caridade não se limita unicamente ao que se chama esmola; é muito engenhosa e encontra mil indústrias para aliviar os aflitos. Quando faltam as riquezas, não faltam os bons ofícios, os obséquios nem as diligências. Nunca sabe estar ociosa sua atividade. Em vão procuram a honra e a vergonha sepultar nas trevas a necessidade das honradas famílias; à fina caridade não se lhe ocultam nem as misérias mais invisíveis; nenhuma se esconde a sua solícita vigilância. Os enfermos mais asquerosos, os mais abandonados, têm para ela não sei que oculto atrativo. Penetra as prisões e sabe abrir-se as portas dos mais profundos calabouços. Que não pode e que não faz um zelo animado da caridade! Mas ainda muito mais excitam sua compaixão as necessidades espirituais que as corporais. Esta caridade cristã é a que acende aquela misteriosa lâmpada com a qual os verdadeiros discípulos de Cristo alumiam a todos aqueles que estão envoltos nas trevas do pecado. Aquele ardente, infatigável e generoso zelo que, por assim dizer, devora todos os fiéis servos de Deus é efeito da caridade cristã. Considera os imensos trabalhos daqueles homens apostólicos que sacrificaram seu sossego, sua saúde e sua mesma vida pela salvação das almas. Basta só um Régis para que compreendas quanto pode uma ardente caridade. Com um jejum rigoroso e contínuo, num país verdadeiramente horrível, no rigor da estação mais cruel, com trabalhos e com fadigas que mal cabem na imaginação, tratava de instruir os pobres e santificá-los: a isto se reduzia todo o seu grande zelo. Não o movia, não, nem o esplendor das funções em que exercia seu ministério nem a brilhantez do posto das pessoas em quem lograva tão portentosas conversões: umas humildes choças, escondidas entre as mais ásperas montanhas e habitadas por uns pobres camponeses, eram todo o teatro de sua inflamada caridade, mas de uma caridade verdadeiramente sobrenatural; porque que outro fogo que o do divino amor podia acender aquele heroico zelo nem abrasar aquele nobre coração? Cotejemos aquela caridade com a nossa; e, se este há de ser o distintivo que nos dê a conhecer por verdadeiros cristãos, poderemos esperar que Jesus Cristo nos reconheça por seus discípulos verdadeiros?

Alcançai-me, ó bem-aventurado Régis, aquela caridade, aquele amor a meu próximo que possuístes vós em grau tão eminente. Nem vossa intercessão nem o valimento que tendes com Deus se limitam às necessidades corporais; sem comparação vos movem muito mais as espirituais. Obtende-me, pois, do Senhor uma caridade perfeita, em virtude da qual ame a meu Deus sobre todas as coisas e ao próximo pelo amor de meu Deus.

Jaculatórias

> *Beatus qui intelligit super egenum et pauperem: in die mala liberabit eum Dominus.* Sl 40.

Ditoso aquele que atende às necessidades do menesteroso e do aflito; quando ele mesmo se vir na aflição, logrará o consolo e a assistência do Senhor.

>

> *Ure renes meos et cor meum, Domine.* Sl 25.

Senhor, abrasai minhas entranhas e meu coração com o fogo de vosso amor.

Propósitos

1. É sinal de um bom coração ter compaixão dos aflitos. O que se mostra duro nos trabalhos de outro é pouco agradecido aos benefícios de Deus. Não é terno com Deus o que não o é com o próximo. Convém, pois, que a caridade seja tua virtude. Preza-te de ter um coração terno e compassivo, singularmente com os pobres; mas tem presente que a verdadeira compaixão, primeiro fruto da caridade, não consiste em ternuras exteriores nem em lágrimas estéreis; pede necessariamente socorros efetivos. Quando a esmola acompanha a compaixão, a compaixão é ainda mais apreciável que a mesma esmola. Junta sempre que puderes estes dois frutos da caridade. Ama os pobres, honra-os como a porção escolhida do rebanho de Jesus Cristo e não malogres ocasião alguma de socorrê-los.

2. Para aliviá-los há diferentes meios. Não só se lhes pode socorrer com a esmola, mas com os conselhos, com os bons ofícios e com instruções salutares. A um pobre encarcerado, a um enfermo, ao que sua pobreza e sua honra têm encerrado entre quatro paredes, consola muito uma visita; todas estas obras de misericórdia são outras tantas esmolas. Levará Deus a conta delas, e no grande dia do juízo estes serão os títulos e os méritos que terá presentes para premiar os eleitos.

[^1]: «San Pedro de los Macabeos» tal como no original (provável topônimo francês deformado, talvez Saint-Pierre-de-Maccabeo/Saint-Pierre-sur-Doux; não identificado com segurança). [^2]: O original traz «31 de setiembre», data inexistente (setembro tem 30 dias); mantida como no original, provável erro do texto ou do OCR. [^3]: O original traz aqui «1746», em contradição com o «1716» do parágrafo anterior; a beatificação por Clemente XI foi em 1716 (a canonização, por Clemente XII, em 1737).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:32 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:32 by Admin